

Resumo: A evasão de discentes no ensino superior é um problema presente em todas as sociedades ao redor do mundo, e é também uma questão que tem preocupado o Brasil em razão de sua forte presença na educação brasileira. A evasão tem um aspecto negativo ao ensino não só porque afeta uma parte essencial para o desenvolvimento da nação, mas também porque é um fator que traz prejuízos econômicos, sociais e culturais para a sociedade. Este artigo visa trazer dados empíricos a respeito do fenômeno da evasão de acadêmicos do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima – UFRR, apresentando, para isto, dados baseados em questionários aplicados a discentes que se evadiram do curso, investigando seu antecedentes (econômico, familiar, educacional, etc.) e as razões que os levaram a não terminar o curso, a fim de propiciar bases científicas para o aprimoramento do curso por meio do desenvolvimento e implementação de novas políticas com este fim.

Palavras-chave: Evasão, Relações Internacionais, Universidade Federal de Roraima

Abstract: The student dropout on higher education is an issue present on all societies around the world, but it is also a matter that has concerned Brazil due to its strong presence on Brazilian education. The dropout has a negative aspect to education not only because affects an essential part for the nation's development, but also because it is a factor that brings economical, social and cultural losses to the society. This article aims to bring empirical data about the phenomena of student dropout of the course in International Relations of the Federal University of Roraima – FURR, introducing, to this end, data based on applied questionnaires to students who already drop out from the course, investigating their background (economical, familial, educational, etc.) and the reasons that led them not to finish the course, in order to propitiate the scientific basis to the upgrading of the course per the development and implementing of new policies to this end.

Keywords: Dropout, International Relations, Federal University of Roraima

1. Introdução

A educação é um dos pilares fundamentais de qualquer cidadão em todo o mundo, servindo como base para sua construção como ser humano. Além disso, ou melhor, por causa disso é também um direito. A Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 6º constata que: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” (BRASIL, 1988). Complementando, a Lei de

* Acadêmico do 5º semestre do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima – UFRR, Diretor de Assuntos Acadêmicos do Centro Acadêmico de Relações Internacionais – CARI da UFRR e pesquisador do Núcleo Amazônico de Pesquisa em Relações Internacionais – NAPRI. E-mail: g.s.alencar@hotmail.com

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, De 20 de Dezembro de 1996), art. 1º estabelece que: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. (BRASIL, 1996).

Assim, a educação é um tema central quando se aborda o processo de formação do ser humano e deve ser vista com cuidado. Este artigo trata de um dos grandes problemas que tem afetado a educação de Ensino Superior no Brasil: a evasão. Como o tema tem um grande escopo, este estudo foca especificamente o caso do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima – UFRR.

Primeiramente, é necessário afirmar que este artigo não visa esgotar o tema da evasão dos alunos, mas, antes, dar o primeiro impulso para que novos estudos a respeito do tema venham a seguir-se. Mostrar-se-á aqui quais as razões que levaram alguns dos discentes a interromper o curso, por meio de uma série de questionários aplicados aos alunos evadidos e aos reingressos. Seguindo esta metodologia, ter-se-ão gráficos e tabelas que poderão auxiliar na elaboração de novos estudos e estratégias para que se possa amenizar o problema. Dessa forma, deve-se, antes, explicar alguns conceitos e fatos que serão essenciais para o real entendimento do que se trata o problema da evasão de discentes no Ensino Superior.

2. A Universidade Federal de Roraima e o Curso de Relações Internacionais

Seguindo um contexto histórico, lembra-se que a universidade moderna “fundou-se na conquista da ideia de autonomia do saber em face da religião e do Estado.” (CHAUÍ, 2003, p. 5) e que é a partir da Revolução Francesa que a universidade adquire um caráter laico e republicano. A partir do século XX, porém, as noções de cultura e educação começam a ser tratadas como partes integrantes da cidadania, logo, passam a ser vistas como valores intrínsecos à pessoa caracterizando-se como direitos que beneficiem o cidadão.

Marilena Chauí afirma que: “a universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo.”¹ (IDEM, 2003, p.5), isto fica claro quando se pensa nos serviços que a universidade oferece à população e como a sua relação com a sociedade expressa a necessidade desta. Chauí não foi a única a ver esta perspectiva da instituição da universidade; Roberto Salmeron afirma que: “a universidade se

1 Chauí também demonstra que nem sempre a universidade vai exprimir os desejos da sociedade como um todo, pois ela também pode ser um elemento de resistência em domínios ditatoriais, logo, expressando os desejos de um grupo intelectual em detrimento da sociedade como um todo – embora os desejos de ambos possam ser iguais e somente alguns tenham como expressá-lo.

confunde com a consciência do povo, tem de formar as gerações que deverão compreender e participar da solução dos seus problemas.” (SALMERON, 2001, p. 16). Assim, é importante ver a universidade como mais um espaço social onde as interações refletem a estrutura social e cultural do contexto no qual este espaço está inserido.

Seguindo esta linha de pensamento, vale ainda citar que: “a estrutura atual do ensino no Brasil, nos níveis fundamental, médio e superior, é um retrato da sociedade brasileira, com grande disparidade dos níveis sociais e econômicos e das oportunidades acessíveis aos jovens.” (IDEM, 2001, p. 9). Embora não seja o foco deste artigo retratar as dificuldades do jovem brasileiro ao acesso ao ensino de nível superior, é necessário sempre ter esta característica em mente, já que tais dificuldades poderão ter influência na decisão do aluno ao evadir os estudos.

O histórico da instituição que se segue foi feito com base no seu Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI 2011-2016. A Universidade Federal de Roraima – UFRR nasce *de facto* no ano de 1989, quando foram editadas suas primeiras resoluções criando suas Faculdades, Institutos, Departamentos e Cursos de Graduação nas modalidades Licenciatura e Bacharelado, já que no ano seguinte iniciariam as primeiras turmas dos cursos. Seus *campi* são o Paricarana (*campus* central), e o Cauamé, onde funciona a Faculdade de Agronomia.

Em 1995, há uma grande reforma da estrutura acadêmica, que passa a agrupar os cursos em Centros Didáticos, conforme a área do conhecimento. Após 21 anos depois de sua criação, a UFRR tem 31 cursos de graduação, com mais de 4000 alunos, contando ainda com 10 núcleos de pesquisa.

Este breve histórico faz-se necessário porque cada Instituição de Ensino Superior tem suas particularidades, que devem ser consideradas quando se analisa seus problemas e se propõem soluções. Mais uma vez afirma-se que este trabalho não visa aprofundar de tal forma o tema da evasão, antes, estes fatores estão sendo expostos a fim de embasar o conteúdo que se seguirá a respeito da evasão e dar apoio a futuras pesquisas para que levem em consideração estes fatores.

O Curso de Bacharelado em Relações Internacionais, por sua vez, nasce em 2006 e em 2007 iniciou-se a primeira turma. Justificou-se a importância de tal curso, em seu projeto político pedagógico, tanto para a Instituição (graças a eventos internacionais, intercâmbios, acordos de cooperação que já vinham sendo implementados, etc.) como para o estado: por estar Roraima numa região de tríplice fronteira, haveria necessidade da formação de profissionais que pudessem atuar neste âmbito. Além disso, buscou-se dar ao curso um aspecto “amazônico”, pois sendo o primeiro curso de Relações Internacionais das regiões Norte e Nordeste (em uma Instituição Federal de Ensino – IFE)², visa dar ao acadêmico uma compreensão da realidade e idealidade amazônica.

2 Até 2006, no Brasil, as únicas IFES que ofereciam graduação em Relações Internacionais eram a Universidade de Brasília e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ambas Instituições com alto peso histórico no ensino e atuação na área de Relações Internacionais. O pioneirismo do curso tem um impacto importante na mentalidade do ingressante, que, muitas vezes sem orientação profissional/vocacional, opta por cursar Relações Internacionais

3. Uma abordagem teórica da evasão no ensino superior

Este trabalho deve seu referencial teórico aos estudos de Spady (1970) e Tinto (1975), dois grandes nomes no entendimento da evasão (*dropout*), enfatizando a importância de uma base teórica que pudesse ser traduzida em pesquisas estatísticas. Leia-se a contribuição de Spady, conforme Siqueira:

Spady tomou por base o desenho do estudo de Émile Durkheim sobre suicídio. Ele entende evasão como o resultado de um processo longitudinal e, por analogia com o estudo de Émile Durkheim, acredita que o indivíduo que compartilha valores como o grupo social e tem amigos que o apoiam apresenta menos tendência ao ato do que aquele que não aceita os mesmos valores do grupo social nem tem o apoio de amigos. (SIQUEIRA, 2009, p. 252).

Spady, ao descrever o ambiente universitário como um grupo social, onde o relacionamento entre as partes dá coesão ao grupo, tem grande importância por conseguir dar um embasamento teórico para as pesquisas referentes à evasão discente, identificando a universidade como sistema social com seus próprios padrões de valores e estrutura social. Assim, pesquisas que se seguiram puderam explicar como alunos com alto desempenho acadêmico mas poucas interações sociais com o ambiente universitário tinham maior tendência a evadir-se para voltar em outra época, ou ainda, porque alunos com baixo desempenho acadêmico mas alta interação com a instituição tendiam a persistir no curso; a integração com a Instituição passa a ser uma variável determinante na evasão dos alunos.

Tinto, por sua vez, aprofunda o conhecimento concebido por Spady, relacionando-o com uma análise de custo-benefício aplicada ao problema da evasão, supondo que não é somente a interação com a instituição que vai definir a permanência ou não do aluno no ensino superior. Assim, a teoria de custo-benefício “[...] argumenta que os indivíduos irão direcionar suas atividades para aquelas áreas de atuação que são entendidas como maximizadoras da relação de benefícios para custos.”³ (TINTO, 1975, p. 39).

Dessa forma, o ingresso no ensino superior leva em consideração os custos e benefícios, tanto econômicos quanto sociais, e todas as formas de atuação nos estudos passam a ser vistas como *investimentos* que vão resultar em “lucro” ou “prejuízo” e é esta interação que vai caracterizar uma possível evasão do aluno. Deve-se ficar claro que Tinto não rejeita a abordagem de Spady, levando

crendo estar entrando num mercado de menor concorrência.

3 Texto original: “[...] argues that individuals will direct their activities toward those areas of endeavor which are perceived to maximize the ratio of benefits to costs.” (Tradução livre)

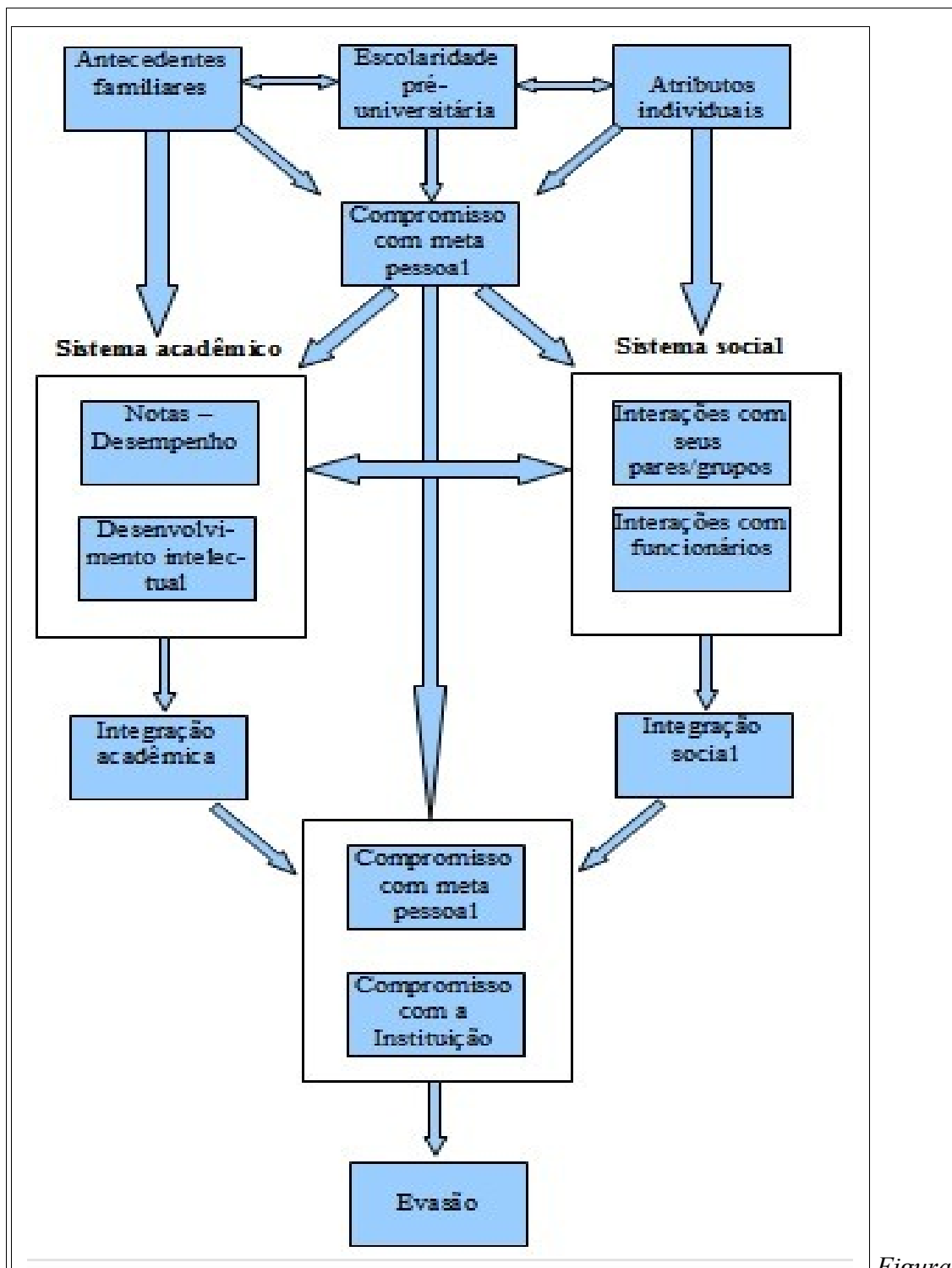
em consideração que a universidade compreende um sistema acadêmico e um sistema social, onde as interações internas em cada um deles são fundamentais.

O organograma visto na Figura 1 foi feito pelo próprio Tinto e embora pareça indicar uma série de passos a serem tomados, eles não ocorrem necessariamente em seguida, podendo ocorrer simultaneamente ou apenas indicar estados. No esquema conceitual, Tinto refere-se ao comprometimento institucional, que é “[...] a interação entre o comprometimento do indivíduo em relação à meta de concluir a universidade e seu comprometimento com a instituição que vai determinar se o indivíduo decidirá ou não pela evasão da universidade.”⁴ (IDEM, 1975, p. 43).

Este trabalho adota o conceito de evasão tratado por Tinto, logo, vê-se evasão como “[...] um processo multidimensional que resulta da interação entre o indivíduo e a instituição e que é influenciado por características dos dois elementos.” (IDEM, 1975, p. 41). A interação entre as duas partes é clara visto que o aluno já tem sua própria bagagem educacional, social e cultural e não é somente a instituição que vai definir seu comportamento. No caso do Curso de Relações Internacionais, como se trata de um curso específico, entender-se-á evasão como a não-permanência do aluno no curso.⁵

4 Texto original: “[...] the interaction between the individual's commitment to the goal of college completion and his commitment to the institution which determines whether or not the individual decides to dropout from college.” (Tradução livre)

5 A necessidade de fazer esta especificação dá-se pelo fato de que podem existir alunos que deixaram somente o curso de Relações Internacionais mas não o ensino superior, cursando outra graduação, e o intuito deste trabalho é entender as causas da evasão do curso de Relações Internacionais somente. Além disso, este trabalho não fará diferenciação entre evasões formais (trancamento/cancelamento de matrícula) e informais (abandono).



Figura

1: Esquema conceitual da evasão na Universidade proposto por Tinto

4. Dados da pesquisa

Segundo dados do Departamento de Registro e Controle Acadêmico – DERCA da UFRR, o curso de Relações Internacionais, até o ano de 2011⁶, conta com 170 matrículas de acadêmicos. Destes, 14 já estão graduados e 25 encontram-se em algum estado de evasão (trancamento, abandono, etc.) segundo a informação oficial. Porém, através de dados obtidos na Coordenação de Relações Internacionais e conversas informais com acadêmicos do curso, notou-se que o quantitativo de alunos evadidos é bem maior, chegando a 71.

Isto acontece porque o abandono de curso, para o DERCA, é caracterizado somente após a não-renovação de matrícula por quatro semestres consecutivos; logo, há alunos evadidos que ainda não entraram na contabilidade oficial. Ocorre também porque esta pesquisa considera inclusive a evasão momentânea, ou seja, alcança aqueles alunos que já evadiram o curso (a fim de investigar a razão pela qual saíram) porém retornaram, o que também não entraria na contagem oferecida pelo DERCA.

Do total de alunos evadidos, foi possível entrar em contato com 40% deles e aplicar um questionário visando identificar alguns de seus aspectos e investigar as causas de evasão, obtendo assim dados substanciais para fins de pesquisa. De todos os evadidos, 61% eram do sexo feminino e 49% do sexo masculino. Interessante notar que 93% dos acadêmicos consultados eram solteiros e não tinham filhos à época de seu ingresso. Vale notar que 54% dos alunos tinham idade entre 18 e 22 anos no ano de seu ingresso, caracterizando um curso com um alunado jovem, sem família formada ou dependentes.

A pesquisa buscou alcançar o máximo de alunos evadidos: 39% das respostas eram de alunos que ingressaram em 2010; 29%, dos que ingressaram em 2009; 25%, dos que ingressaram em 2008 e apenas 7% dos que ingressaram em 2011. Destes, maioria evadiu ou em 2010 (29%) ou 2011 (29%), tendo os outros anos uma porcentagem menor.

Interessantemente, 57% dos ingressantes estudaram o ensino médio todo em escola pública; empatando em 18% os que estudaram ou todo em escola particular ou maior parte em escola particular. De todos os alunos, 32% possuíam renda familiar que ia de 7 a 11 salários mínimos, seguidos de outros 29% que possuíam renda familiar maior que 11 salários mínimos, caracterizando um alunado com alto poder aquisitivo.

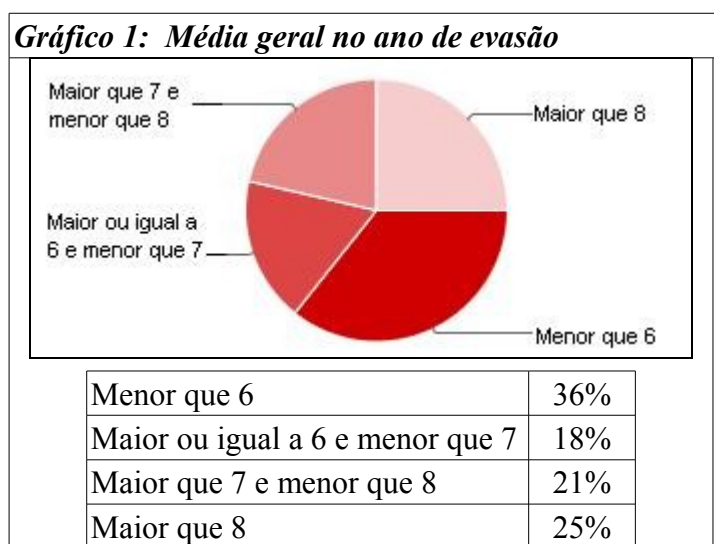
Quando perguntados qual a principal razão para o ingresso no Ensino Superior, 68% responderam que era para conseguir uma Formação Profissional; e quando perguntados a respeito

⁶ Os acadêmicos de 2012 não foram contabilizados na pesquisa por não terem finalizado ainda seu primeiro semestre à época desta pesquisa, ou seja, ainda não haviam caracterizado evasão, não sendo, portanto, de interesse para esta pesquisa.

da razão da escolha da UFRR, 50% afirmaram terem feito esta escolha porque a Instituição oferecia o curso pretendido, 25% apontaram para o renome da Instituição, apenas 18% afirmaram que era por causa do ensino gratuito e 8% afirmaram outros motivos.

Dos ingressantes, 43% afirmaram terem sido orientados quanto ao curso de Relações Internacionais antes de entrar na Universidade (referente à área de estudo, disciplinas, mercado de trabalho, etc.), já outros 38% negaram quanto a terem uma orientação anterior à Universidade e 18% afirmaram ter em parte tal orientação. De qualquer forma, a principal razão para a escolha do curso para 64% dos alunos evadidos foi a realização pessoal, 29% não sabiam ou apontaram outras causas e apenas 7% afirmaram ter escolhido o curso por causa de seu mercado de trabalho.

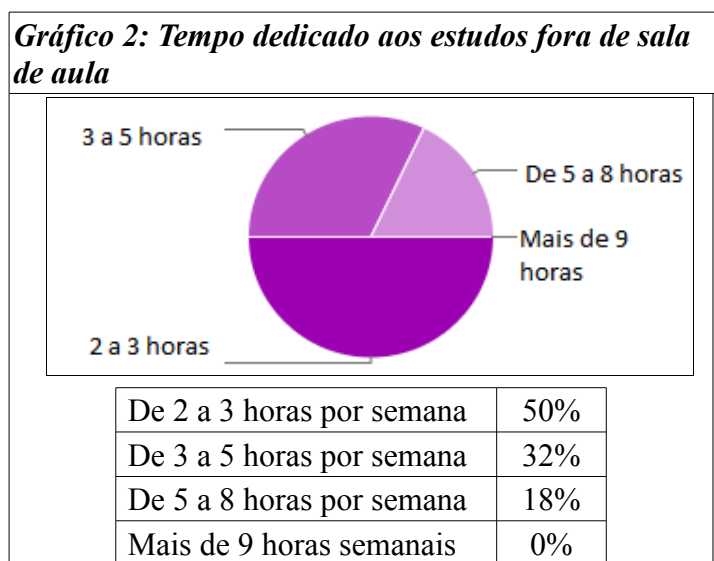
Agora, adentrando no aspecto da vida acadêmica dos alunos evadidos, paradoxalmente, 36% dos alunos, no ano de sua evasão, tinham média menor que 6, enquanto 25% deles possuíam, no ano de evasão, média maior que 8; outros 21% tinham média entre 7 e 8 e outros 18% média entre 6 e 7 (conforme visto no Gráfico 1).



Quanto à participação em atividades de extensão (seminários, palestras, semanas acadêmicas, eventos culturais, etc.) por parte dos alunos evadidos, 43% afirmaram participar “às vezes”; 25%, “quase nunca”; 21%, “nunca”; e apenas 11% “quase sempre”. Embora seja óbvio, vale ressaltar que nenhum dos alunos (0%) afirmou “sempre” participar de atividades de extensão.

No que se refere à participação em atividades de pesquisa (projeto de Iniciação Científica, publicação de artigos, etc.), 64% dos alunos evadidos afirmaram “nunca” terem se envolvido; 29%, “quase nunca”; e empatados com 4% aqueles que afirmaram participar “às vezes” ou “quase sempre”. Mais uma vez demonstrando que nenhum destes (0%) “sempre” esteve envolvido com atividades de pesquisa.

O tempo dedicado aos estudos fora de sala de aula foi baixo entre os alunos evadidos, pois 50% afirmaram dedicar apenas 2 a 3 horas por semana para estudos fora de sala de aula; 32%, de 3 a 5 horas; e apenas 18%, de 5 a 8 horas semanais (conforme visto no Gráfico 2).



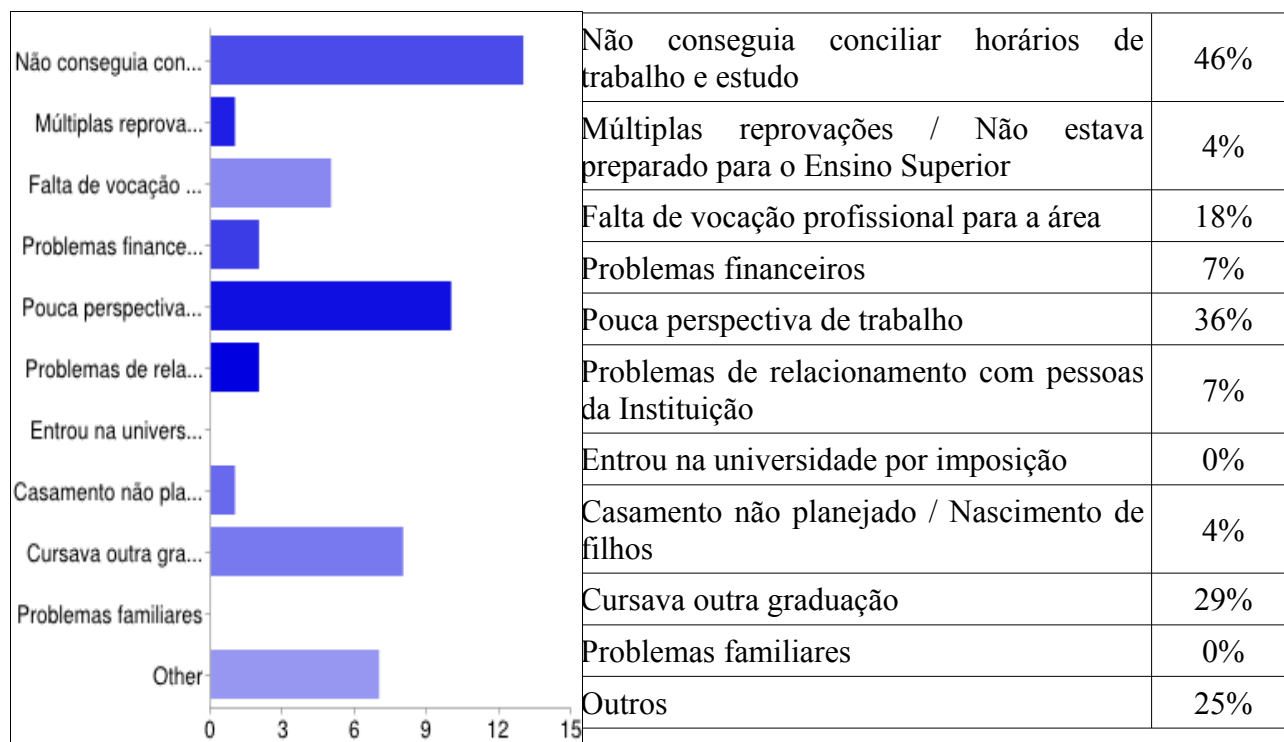
Com relação aos aspectos acadêmicos do curso (disciplinas, didática, conteúdo, área de estudo, etc.), 43% afirmaram estar “bem satisfeitos”; empatados com 25% ficaram aqueles que disseram que o curso era o que esperavam e aqueles que ficaram decepcionados com o curso; e apenas 7% não souberam responder. Vale notar ainda que, quanto a capacidade dos professores de transmissão do conhecimento (domínio de conteúdo, didática, etc.), 57% afirmaram que os docentes tem “boa capacidade” e 39%, que eles têm “ótima capacidade”. De modo geral, 64% avaliaram a qualidade do curso como “boa”; 21%, como “ótima”; 11%, como “razoável”; e apenas 4%, como “ruim”.

No quesito “relação afetiva com os colegas de curso” (um aspecto importante na análise de Spady), 43% dos alunos evadidos caracterizaram-na como “boa”; empatados com 21% ficaram aqueles que tinham uma “fraca (baixo envolvimento)” ou “moderada” relação com os colegas; 11% afirmaram ter uma “ótima” relação com eles; e apenas 4% declararam ter uma relação afetiva “inexistente” com os colegas de curso.

Chega-se agora à pergunta essencial, que motivou esta pesquisa em primeiro lugar: quais seriam então as principais causas de evasão? Nesta pergunta específica, os candidatos poderiam assinalar mais de uma alternativa (no máximo três) caso fosse necessário, a fim de justificar sua evasão. Os dados mostram que 46% dos alunos evadidos não conseguiam conciliar horários de trabalho e estudo; 36% viam na área de Relações Internacionais pouca perspectiva de trabalho; 29% afirmaram que já estavam cursando outra graduação; 25% apresentaram outras causas, havendo

ainda causas diversas elencadas pelos alunos, conforme visto no Gráfico 3.

Gráfico 3: Causas da evasão



Para finalizar esta parte, perguntou-se aos alunos se eles teriam intenção de retornar a cursar Relações Internacionais. Empatados com 32% estão aqueles que responderam “não” e aqueles que marcaram “talvez”, sendo os que disseram “sim” apenas 25% dos alunos. E quando perguntados se ainda pretendiam voltar a cursar o Ensino Superior (independente de qual curso), empataram também aqueles que disseram que “sim” e os que afirmaram “continua cursando”, ou seja, estão cursando outra graduação; também empatados com 7% estão aqueles que disseram que não sabiam ou marcaram “talvez”, sendo os que disseram “não” apenas 4% dos entrevistados.

5. Análise dos dados e conclusões

A partir dos dados coletados e observados, alguns fatos ficam claros para o leitor: o alunado ingressante no curso de Relações Internacionais é composto, em sua grande maioria, por jovens recém-saídos do Ensino Médio (tendo em vista sua idade), solteiros, sem dependentes, com alto poder aquisitivo (baseado nos dados referentes à renda familiar destes alunos), que entraram no Ensino Superior para ter uma formação profissional, que escolheram a Universidade Federal de Roraima justamente porque esta oferecia o curso de Relações Internacionais (o que, como já foi

visto, é uma peculiaridade sua) e que optaram por este curso buscando “realização pessoal”; um perfil que, por si, seria um tipo ideal para o jovem ingressante no campo das RI.

Porém, o que se observou é que estes jovens não se envolvem com a Instituição, (seja por atividades de pesquisa ou de extensão), não dedicam mais do que duas ou três horas semanais para os estudos além da sala de aula, que mesmo tendo (em sua maioria), boas relações com colegas de curso e reconhecendo a capacidade de seus professores, ao ponto de avaliar o curso como um todo um curso de boa qualidade, não pretendem voltar a cursá-lo ou ainda ficam em dúvida se voltariam ou não a cursar. Isto é um fato bastante paradoxal, pois estes mesmos alunos afirmam que pretendem voltar a cursar o Ensino Superior, ou ainda, que continuam cursando-o.

Os dados complementam-se e tornam-se congruentes quando se lembra que as razões de todos estes fatores são respondidas pelos próprios alunos evadidos. Em primeiro lugar vem o fator de não poder conciliar horários de trabalho e estudo. Para muitos destes alunos, devido à sua idade, provavelmente esta é a época do seu primeiro emprego, o que é um choque para muitos destes jovens que não estão acostumados a trabalhar e estudar ao mesmo tempo; além disto, vale lembrar que o horário comercial de trabalho compreende os turnos matutino e vespertino, logo, o estudante de Relações Internacionais com certeza teria dificuldade em cumprir oito horas diárias de trabalho, tendo em vista o curso de RI ser “diurno, preferencialmente matutino.” (MEC, 2007, p. 4).

Em segundo lugar, os alunos apontaram pouca perspectiva de trabalho para os graduados em RI. Este fator pode ser algo que foge aos esforços institucionais, pois depende de elementos externos ao ensino para que se concretizem. Embora Roraima seja um estado fronteiriço, as oportunidades de trabalho para graduados em Relações Internacionais ainda permanecem escassas, o que faz com que muitos dos formados optem por mudar de Estado ou ainda trabalhem em áreas não relacionadas a sua graduação.

Em terceiro lugar, os alunos apontaram que porque estavam cursando outra graduação, optaram por evadir do curso de RI. Mas, ao analisar a situação, este fator nada mais é do que uma ratificação das justificativas anteriores: pela dificuldade de conciliar horários e pela pouca perspectiva de trabalho na área de RI, o aluno prefere optar por um curso em outro turno e que possa oferecer-lhe melhores chances no mercado de trabalho.

Por fim, faz-se necessário utilizar-se destes dados para pensar em como se pode melhorar o curso, evitando que continue a haver um índice tão grande de evasão⁷. Como já foi dito em diversos momentos, este estudo visa, em primeiro lugar, conscientizar a comunidade acadêmica quanto ao problema da evasão no ensino superior, e, neste caso particular, a comunidade acadêmica do curso de Relações Internacionais, em especial seus gestores.

⁷ Basta lembrar que o curso já tem duas turmas formadas (o que totalizaria algo em torno de 60 Bacharéis em Relações Internacionais) mas apenas 14 alunos graduados.

Algumas ideias básicas surgem a partir da análise destes dados: para conciliar os horários de trabalho e de estudo, uma alternativa é a implantação de uma turma de Relações Internacionais no período Noturno (fato que é comum para outros cursos da Instituição), onde fosse possível haver uma constância de acadêmicos, mesmo que com pouca quantidade, pois é fato que a evasão onera os cofres públicos, que mantém as mesmas instalações físicas e recursos humanos para um número decrescentes de usuários deste sistema, subutilizando-o.

Outra proposta é dar aos alunos verdadeiras experiências das Relações Internacionais na medida do possível, relacionando *de facto* teoria e prática. A ideia é dar ao aluno convicção no que fará no seu futuro trabalho: um aluno de direito tem que aprender a escrever um parecer, interpretar uma legislação ou defender um caso; um aluno de enfermagem, a aplicar um medicamento, prestar primeiros socorros ou entender os mecanismos do corpo humano; e um aluno de Relações Internacionais, o que pode fazer com seu conhecimento? Que atividades administrativas ou políticas ele poderá exercer? E, melhor, *como* ele fará para exercê-las? De nada adianta ao aluno saber que pode ser um consultor de Relações Internacionais se não tem a menor ideia de o que, na prática, faz este profissional ou ainda *como* este empreendedor executa seu trabalho no dia a dia. A questão é mostrar ao aluno o que se espera exatamente de um profissional de Relações Internacionais, dando a ele a oportunidade de vivenciar a prática.⁸

É verdade que alguns destes que evadiram provavelmente não tinham, deveras, vocação para a área de Relações Internacionais e não se identificaram com o campo. Mas a questão está naqueles que se identificam com as RI, que se apaixonaram pela área desde seu primeiro semestre mas não conseguem persistir neste caminho, seja porque têm que trabalhar e não conseguem conciliar os horários, seja porque não conseguem encontrar um horizonte onde possam ter tranquilidade e segurança em afirmar: sou um Internacionalista.

6. Referências Bibliográficas

⁸ Vale notar que em ambos os casos, uma reforma no Plano Político Pedagógico do curso se faria essencial, se já não o é baseando-se nos dados obtidos por esta pesquisa.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em 09 de junho de 2012.

BRASIL. **Lei nº 9394**, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 09 de junho de 2012.

CHAUÍ, Marilena (2003). **A Universidade Pública sob Nova Perspectiva**. Conferência de abertura da 26ª reunião Anual da ANPED, Poço de Caldas, 5 de Outubro de 2003. Disponível em <www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>. Acesso em 04 de junho de 2012.

MEC. Universidade Federal de Roraima (UFRR). **Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais**. Publicado em Janeiro de 2007, Boa Vista – Roraima. Disponível em <http://www.ufr.br/antigo/component/option,com_docman/Itemid,0/task,docdownload/gid,1125/>. Acesso em 28 de Junho de 2012.

SALMERON, Roberto A. Universidade pública e identidade cultural. **Tempo social [online]**. 2001, vol.13, n.1, pp. 9-26. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702001000100002&lng=en&nr m=iso>. Acesso em 04 de junho de 2012.

SIQUEIRA DE FREITAS, Kátia. Alguns estudos sobre evasão e persistência de estudantes. **Eccos Revista Científica**, 2009, 11 (Enero-Junio). Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=71512097014>>. Acesso em 04 de junho de 2012.

SPADY, W. Dropouts from higher education: an interdisciplinary review and synthesis. **Interchange**, 1970, I, pp. 64-85. Disponível em <<http://www.springerlink.com/content/y29216w34q1w4150/>>.

TINTO, V. Dropout from higher education: a theoretical synthesis of recent research. **Review of**

Educational Research, Vol. 45, nº 1, 1975, pp. 89-125. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1170024>. Acesso em 05 de junho de 2012.